Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

DIVERSIDADE+: O JORNALISMO LITERÁRIO COMO RECURSO DE HUMANIZAÇÃO À COMUNIDADE LGBTQIA+

Diversity+: the literary jornalism as a humanization resource to the LGBTQIA+ community

Walisson Oliveira SANTOS
Centro Universitário Funorte
walissonoliveira.jornalismo@gmail.com

Elpidio Rodrigues da ROCHA NETO
Centro Universitário Funorte
elpidio.rodrigues@funorte.edu.br

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v3i3.157

Resumo

Esta pesquisa investiga se o jornalismo literário, com a proposta de humanizar histórias de vida, seria capaz de produzir novos sentidos acerca das identidades LGBTQIA+ e, em consequência, ressignificar a prática da representatividade ao valorizar a diversidade dos chamados "invisíveis" da sociedade contemporânea. Trata-se da perspectiva de uma especialização jornalística que se revela um campo amplo de atuação e oferece novas perspectivas na luta pela liberdade de pensamento e de expressão. O objetivo desta pesquisa visa utilizar o jornalismo literário para produzir uma revista com perfis de indivíduos, estruturando histórias de vida ligadas à comunidade LGBTQIA+. A proposta teórica do projeto encontra-se nos pressupostos metodológicos de revisão bibliográfica, abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, valorizando a percepção de que a subjetividade é constituída pelo seu discurso. Como resultados, a finalização da revista *Diversidade+* compreendeu que a abertura de debates sobre a comunidade é importante, porque traduz a reconstrução da cidadania desses indivíduos;

além disso, a revista é o produto comunicacional ideal para compreender uma visão histórica e mais ampla dessas histórias de vida, porque permite mudanças significativas na elaboração de um espaço mais democrático de direitos humanos e contribui para a educação e a sensibilização sobre as diferenças identitárias presentes na sociedade contemporânea. Conclui-se o jornalismo literário como recurso de humanização e que os perfis jornalísticos literários em revistas carregaram marcas e pontualidades que permitem ressignificar estereótipos que podem atuar positivamente na luta anti-LGBTQIA+fobia, aproximando representação e identidade de indivíduos invisibilizados e provocando novas leituras sociais.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Revista. Perfil. LGBTQIA+.

Abstract

This research investigates whether literary journalism, with the proposal to humanize life stories, would be able to produce new meanings about LGBTQIA+ identities and, as a consequence, resignify the practice of representativeness by valuing the diversity of the so-called “invisibles” of contemporary society. It is the perspective of a journalistic specialization that reveals itself to be a broad field of action and offers new perspectives in the struggle for freedom of thought and expression. The aim of this research is to use literary journalism to produce a magazine with character profiles, structuring life stories linked to the LGBTQIA+ community. The theoretical proposal of the project is embodied in the methodological assumptions of bibliographic review, a qualitative approach, of an exploratory and descriptive character, valuing the perception that subjectivity is constituted by its discourse. As a result, the completion of the magazine *Diversidade+* understood that the opening of debates about the community is important, because it translates the reconstruction of the citizenship of these individuals; in addition, the magazine is the ideal communicational product to understand a broader historical view of these life stories, because it allows for significant changes in the development of a more democratic human rights space and contributes to education and awareness of the identity differences present in the contemporary society. It is concluded literary journalism as a humanization resource and that the literary journalistic profiles in magazines, carried within them marks and potentialities that allow re-signifying stereotypes and that they can act positively in the anti-LGBTQIA+phobia fight, bringing together representation and identity of individuals made invisible and provoking new social readings.

Keywords: Literary Journalism. Magazine. Profile. LGBTQIA+.

INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada *Diversidade+: o jornalismo literário como recurso de humanização à comunidade LGBTQIA+* constituiu-se um Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso de graduação em Jornalismo do Centro Universitário Funorte, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Jornalismo. Sendo assim, este trabalho foi estruturado em quatro pilares: o jornalismo literário, a revista, os perfis jornalísticos e, por último, mas não menos importante, entrevistas com indivíduos ligados à sigla LGBTQIA+.

Nesse contexto, o objetivo que rege esta pesquisa é utilizar o jornalismo literário para produzir uma revista com perfis de indivíduos, estruturando histórias de vida ligadas à comunidade

LGBTQIA+. À vista disso, como objetivos específicos, traçou-se: compreender os conceitos e as normas do jornalismo literário; entender o processo de produção de uma revista e suas características; entender os procedimentos para a elaboração de um perfil; e identificar os indivíduos LGBTQIA+ e suas histórias de vida.

A proposta teórica da pesquisa encontra-se consubstanciada nos pressupostos metodológicos de revisão bibliográfica, abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, entrevistas e coleta de dados, valorizando a percepção de que a subjetividade do sujeito é constituída por seu discurso. Os principais autores que contribuíram com o trabalho foram: Carvalho *et al*. (2019), Mariano (2018) e Neves, Jankoski e Schnaider (2013).

A aplicação das entrevistas aconteceu somente de forma remota (online), devido à pandemia de Covid-19, através de diálogo presencial, de 24 de setembro a 2 de outubro de 2020. Participaram das entrevistas 10 indivíduos, respeitando as delimitações geográficas. Foram feitas entrevistas com indivíduos que residem em Montes Claros, no estado de Minas Gerais, no segundo semestre de 2020. Compõem a amostra oito indivíduos, referentes à sigla LGBTQIA+, e dois especialistas em gênero e sexualidade para discutirem a perspectiva da comunidade no contexto contemporâneo.

Os entrevistados foram escolhidos, em critérios de inclusão, conforme o seu conhecimento sobre a temática da pesquisa, bem como aqueles que utilizam a afirmação de direitos igualitários, visibilidade, orgulho ou resistência, como ato de ressignificação do gênero e da sexualidade. Ademais, como critérios de exclusão, não participaram da pesquisa indivíduos e profissionais que desconhecem o significado da sigla e a importância das discussões sobre a comunidade LGBTQIA+.

Vale ressaltar que a pesquisa culminou na produção de uma revista, requisito para obtenção de título de bacharel em Jornalismo. Sendo assim, como produto comunicacional, a revista *Diversidade+* teve sua origem e o seu nascimento.

A *Revista Diversidade+* se fundamenta nas práticas do jornalismo literário para perfilar histórias de vida ligadas à comunidade LGBTQIA+, destacando a trajetória de vida de cada indivíduo num contexto de luta por direitos e cidadania. Sua primeira publicação conta com 24 páginas e foi impressa em dezembro de 2020. Desse modo, a partir das entrevistas realizadas, foi possível perceber que as ações sociais dos perfilados também viabilizam a reconstrução de espaços democráticos de direitos humanos.

Diante de tais prerrogativas, a pesquisa se justifica, portanto, a partir dos interesses particulares do pesquisador, em virtude da afeição pelos estudos do jornalismo literário, da revista, dos perfis jornalísticos, sobretudo quanto à perspectiva individual, por estar elencado, enquanto homossexual, no contexto de subalternização e deslegitimação dos corpos, vivenciados cotidianamente, pela comunidade LGBTQIA+ e das lutas por direitos igualitários da causa.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

O jornalismo literário é um campo da comunicação que cresce cada vez mais, atraindo jornalistas e leitores por sua diversidade temática e por oferecer novas perspectivas na luta pela liberdade de pensamento e de expressão. Entende-se que o estilo se apropria de recursos literários para retratar histórias baseadas em indivíduos, proporcionando ao leitor uma visão mais ampla da realidade. Por isso, o jornalismo literário possui grande relevância, na prática

profissional, ao possibilitar visibilidade e representatividade às pessoas LGBTQIA+, de maneira a aproximar-se da realidade de suas identidades individuais, fugindo da representação tradicionalista dos veículos midiáticos mais conservadores (NETO, 2018).

As revistas ocupam um espaço relevante para a exposição das pautas do jornalismo literário; reforçam a credibilidade da informação ao trabalharem com matérias contextualizadas e mais elaboradas. Para Scalzo (2011), as revistas são veículos amplificadores, capazes de recuperar a humanização dos personagens e adentrar na intimidade dos leitores. Um bom exemplo dessa humanização dito pela autora deve-se ao aprofundamento das histórias e à interpretação dos acontecimentos numa visão mais aprofundada da realidade.

Os perfis jornalísticos, de acordo com Amate (2013), são narrativas que priorizam o registro do instante de um personagem, o momento do objeto representado; pretende (ou tenta) retratar a história de vida de alguém. Assim, os perfis têm se consagrado na produção jornalística brasileira, por favorecer o processo de imersão do repórter frente aos valores humanos, à visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais; o jornalista literário assume o papel importante de gerar empatia no leitor ao revelar histórias de vida de pessoas que fogem dos estereótipos tradicionais e buscam conquistar um espaço social – como aquelas que militam pelo direito à diversidade LGBTQIA+.

1.1 JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo tem, antes de tudo, compromisso com a sociedade; a literatura, no que lhe concerne, propicia a reconstrução da realidade somada à ficção. O jornalismo literário (JL), portanto, é a simbiose estilística de ambos: cumpre o papel de contar a realidade, mas reconhece a informação como um direito do cidadão, formando um conjunto harmônico da essência jornalística com a ficção literária (LIMA, 2016).

Para Pena (2011), jornalismo e literatura dispõem, em comum, da palavra como matéria-prima, e seus códigos linguísticos estiveram próximos em muitos momentos da história humana. “Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (PENA, 2011, p. 21). A classificação estabelecida abre caminho para um novo entendimento do JL, que precede adjetivos, humanização, personagens, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico.

O jornalismo literário não é a simples “alternativa ao jornalismo superficial praticado no atual contexto nos meios de comunicação” (WEISE, 2013, p. 17); ou mesmo a fuga da hierarquização imposta pelas técnicas do jornalismo tradicional. O conceito é muito mais amplo. O surgimento da especialização deve-se à vontade de jornalistas de se oporem à objetividade jornalística, composta pelas regras estruturais do *lead* – termo que identifica as informações essenciais que norteiam as atividades das redações e que transmitem ao leitor um resumo completo dos acontecimentos ao responder seis questões básicas: O quê? (a ação), Como? (o modo), Onde? (o lugar), Quando? (o tempo) e Por quê? (o motivo) (WEISE, 2013).

Fruto dos estudos sobre a influência da linguagem literária no jornalismo, Pena (2011) delineia sete peculiaridades que permitem aos jornalistas literários uma larga e precisa compreensão sobre o estilo. De modo a fundamentar uma definição do JL, o autor cria o conceito de Estrela

de Sete Pontas, ressaltando as competências e normas da especialização. A primeira ponta é construir novas estratégias narrativas; a segunda implica romper os laços com a periodicidade e a atualidade. Na terceira é feita a contextualização da informação da forma mais abrangente possível; a quarta destaca o compromisso com a sociedade, contribuindo para a formação do cidadão; a quinta leva ao rompimento das hierarquias redacionais ao utilizar traços literários na construção narrativa, com criatividade e estilo; a sexta ponta evita as definições primárias da notícia; e a sétima garante perenidade e profundidade aos relatos (PENA 2011).

A partir dessa análise, os jornalistas literários não ignoram o que aprenderam nas redações diárias, muito menos jogam suas técnicas narrativas no lixo. Pode-se, então, definir o jornalismo literário como uma espécie de ponte que liga a liberdade interpretativa à subjetividade, à observação participante do repórter e à humanização do relato – ideais básicos do jornalismo (PENA, 2011).

O estilo faz parte de um jornalismo construído gradualmente, resultado do aperfeiçoamento do texto jornalístico. Trouxe consigo não só elementos presentes nos textos literários, mas utiliza-os para contar uma história com profundidade de conteúdo, liberdade temática e de propósito, abordagem ética e função poética da linguagem. Conforme Weise (2013, p. 24), "o jornalismo literário, além de trazer informações completas, somadas a uma boa narrativa escrita, proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento".

No Brasil, Lima (2016) destaca que o JL se configurou a partir da contribuição de jornalistas e escritores, que levaram à imprensa um novo formato de literatura, redescobrindo o jornalismo como revelação da realidade. Para o autor, o livro Os Sertões, de Euclides da Cunha (1866-1909), publicado em 1902, resulta num marco da literatura e da história do Brasil, ao unir informação e recursos literários. Foi assim que Cunha desenvolveu um intenso trabalho jornalístico na cobertura da guerra de Canudos, retratando a sociedade brasileira da época, a face cotidiana e a realidade do país e das pessoas que o compõem (LIMA, 2016).

Segundo Pereira e Gushiken (2017), o estilo compreendido como "jornalismo literário" aderiu às ideias de modernização e processos de racionalização. À vista disso, novas tendências narrativas, no espaço jornalístico, possibilitaram a extensão dele como reconstrutor da realidade. Portanto, o JL revela um mundo subjacente àquele encontrado nos noticiários. Os autores explicam, ainda, que muitos confundem jornalismo literário (JL) com *New Journalism* (Novo Jornalismo) americano – "movimento iniciado nos anos [19]60 nos Estados Unidos, que inaugurou a prática da observação participante. O *New Journalism* aderiu, na época, às mudanças na forma de 'perceber, sentir e pensar' o mundo" (VILAS-BOAS, 2006, p. 90).

Ao comentar o Novo Jornalismo, Pena (2011) deixa clara a importância do movimento para o jornalismo literário contemporâneo. Originalmente, o *New Journalism* produziu histórias distintas do padrão jornalístico vigente que, posteriormente, foram levadas ao grande público; essas histórias destacavam o ser humano em sua plenitude. Lima (2016) afirma que o Novo Jornalismo se destacou pela observação minuciosa da realidade, pelo uso de novas técnicas narrativas (fluxo de consciência e ponto de vista autobiográfico) nas produções e pela popularização de seus principais expoentes: Tom Wolfe, Gay Talese, Truman Capote e Norman Mailer.

Considerado como o "pai", ou mesmo porta-voz do Novo Jornalismo, Tom Wolfe (1930-2018) tornou-se um dos principais jornalistas norte-americanos do século XX. Revolucionou a concepção do fazer jornalístico, apoderando-se de técnicas da ficção ao escrever longas e detalhadas reportagens, para textos de jornais e revistas. Pereira e Gushiken (2017, p. 18)

apontam que as produções de Wolfe foram "além das reticências, ressignificaram a profunda investigação da vida humana e assumiram nobres ideais de que a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte".

Neto (2018) destaca que as produções de jornalismo literário trabalham com os elementos defendidos por Wolfe na elaboração de uma reportagem: construção do acontecimento cena a cena, recriação de diálogos completos, uso de ponto de vista em terceira pessoa e observação detalhada de ambientes e personagens secundários. Assim, o JL aborda com destaque questões relativas à dignidade humana e estimula a prática da representatividade ao valorizar a diversidade dos indivíduos retratados nas matérias (NETO, 2018).

Pena (2011) destaca que as produções de jornalismo literário trabalham com os quatro recursos básicos defendidos por Wolfe na elaboração de uma reportagem: reconstrução do acontecimento cena a cena, recriação de diálogos completos, uso de ponto de vista em terceira pessoa e observação detalhada de ambientes e registro de hábitos, gestos e outras características simbólicas do personagem. Para Weise (2013, p. 14), o jornalismo literário possui características que o tornam nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa: "por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo".

Pode-se concluir que o jornalismo literário oferece uma descrição do real na divulgação e informação social através de uma narrativa humanizada e possibilita ao jornalista se libertar das amarras do texto noticioso expandindo os sentidos das palavras. Na atualidade, essa prática jornalística se renova ao utilizar (e valorizar) novas alternativas para um jornalismo mais atraente em produções de conteúdo e informação com maior profundidade – e o suporte mais comum para o jornalismo literário está nas revistas.

1.2 REVISTA E PERFIL

Em termos de conteúdo, as revistas se destacam ao utilizar recursos do jornalismo literário na construção das matérias. Para isso, há uma conciliação entre as técnicas jornalísticas e literárias para um jornalismo de maior profundidade.

Em função da periodicidade, as revistas reforçam a credibilidade da informação ao explorarem diferentes ângulos e ajustarem o foco do leitor, por meio da construção de textos interpretativos e literários (AZUBEL, 2013).

De acordo com Vilas-Boas (2006), cada revista adota uma maneira de escrever o texto, pois carrega especificidades que rompem as amarras da padronização cotidiana, ou seja, o objetivo maior é prender a atenção do leitor do início ao fim, através de estilos mais sedutores, atrativos ao público.

Vilas-Boas (2006) diz que, para desenvolver qualquer texto, é preciso que o jornalista esteja submerso no universo da tessitura. O resultado dessa equação é uma maior liberdade temática, o que também auxilia durante o processo criativo do profissional, visto que "a linguagem é puro instrumento do pensamento, um meio de transmitir realidades (...) traduzir diferentes matrizes do real" (VILAS-BOAS, 2006, p. 59).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Vilas-Boas esclarece que "as revistas podem ser divididas em três grupos estilísticos: as ilustradas, as especializadas e as de informação-geral" (2006, p. 71). No primeiro tipo, são encontradas com maior frequência fotografias, *design* criativo e o texto possui menor densidade. No segundo caso, as revistas especializadas podem ser temáticas e relacionadas com a segmentação dos leitores ou um público determinado – fator que mais se enquadra com o propósito desta pesquisa. Por último, as informativas-gerais assemelham-se às ilustradas, mas há uma predominância de matérias sobre diversos assuntos, que podem, ou não, ser interligados.

Scalzo (2011) aborda a revista como um produto além da mídia impressa, um meio de comunicação capaz de entender o leitor antes de tudo, isto é, que cria laços de amizade com o público. A autora mapeia as características do processo de produção da revista, desde o desenvolvimento de textos unindo a informação com entretenimento até a capa, as pautas, as imagens/ilustrações, a importância do *design* para passar a informação de forma agradável e legível para o leitor e as questões éticas próprias das publicações periódicas.

Para Scalzo (2011, p. 13), o texto de revista foca no leitor e a "palavra escrita é o meio mais eficaz para transmitir informações complexas. Quem quer informações com profundidade deve, obrigatoriamente, buscá-las em letras de forma. Jornais, folhetos, apostilas, revistas, livros"; ou seja, as revistas buscam o aprofundamento dos assuntos trabalhando com a especialização e segmentação de público. Assim, segundo a autora, elas são capazes de adentrar "no espaço privado, na intimidade, na casa dos leitores" (SCALZO, 2011, p. 14).

Tanto Vilas-Boas (2006) quanto Scalzo (2011) ressaltam que a capa da revista é uma vitrine que reproduz a identidade única do editorial; além de atrair o leitor para a compra e a leitura, ela deve agir em consonância com assuntos atuais. Não existe uma fórmula mágica que garanta o sucesso da publicação, mas a variedade e a qualidade das pautas intensificam o perfil da revista. As matérias de interesse público abrem espaço para a discussão em conteúdos exclusivos e a composição entre texto, imagem e conjunto gráfico são sinais de verossimilhança que serão valorizadas pelos leitores. A atuação do jornalista estará intrinsecamente ligada aos enfoques, mantendo uma identidade editorial em todas as edições (SCALZO, 2011).

Considerada o berço do jornalismo literário no Brasil, *Realidade* (1966-1976), publicação da Editora Abril, uniu entretenimento, educação, serviços e interpretação dos acontecimentos numa visão mais aprofundada da sociedade brasileira. Para Weise (2013, p. 56), a revista "modificou a maneira de fazer jornalismo e inovou trazendo novas técnicas advindas do *New Jornalism*"; assim, dialogou com um público capaz de compreender um jornalismo inovador e obteve aprovação da população por aproximar-se de assuntos que, na época, eram considerados tabus. *Realidade* recuperou a humanização dos personagens e estabeleceu um importante vínculo social de caráter inovador, pois no "plano do jornalismo impresso, foi também modelo de inquietação cultural" (WEISE, 2013, p. 60).

Conforme Azubel (2013, p. 259),

> as revistas cobrem funções sociais que estão além e aquém do ato de reportar. Podemos caracterizá-las por recriar, trazer análise, reflexão e experiência de leitura [...] revistas são veículos amplificadores, capazes de confirmar, explicar e aprofundar histórias.

Diante de tal afirmação, a humanização se acentuará à medida que o relato for pormenorizado e ultrapassar os limites da informação. Para isso, as revistas utilizam gêneros textuais jornalísticos para conceder visibilidade às figuras humanas; entre eles, encontra-se o perfil.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

É importante destacar que os perfis têm aparecido, na produção jornalística brasileira, para retratar o processo de imersão do repórter frente aos valores humanos e à visão de mundo dos personagens; o jornalista assume um papel de peso ao revelar histórias de vida de pessoas que fogem aos estereótipos tradicionais e conquistam um espaço social de visibilidade e representatividade – como aquelas que militam pelo direito à diversidade LGBTQIA+.

Em jornalismo, perfil significa enfoque na pessoa – seja um famoso ou um cidadão típico, que é sempre o protagonista de uma história (a sua própria). Para Vilas-Boas (2014, p. 14), "os perfis cumprem um papel importante que é gerar empatia"; ou seja, a humanização do relato é a responsável por provocar uma sintonia entre personagem e jornalista. Para construir essa categoria de texto, o repórter experimenta com o entrevistado um determinado momento de entrosamento e espera declarações conforme as informações que almeja conquistar.

Vilas-Boas (2014, p. 16-17) afirma que o gênero perfil tem se consagrado por retratar a imersão do repórter frente "às narrativas sobre a vida dos indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea". Na sua versão mais abreviada, a estruturação da matéria se dá na forma de entrevista em profundidade, a qual focaliza um tema particular ou circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, por meio do depoimento direto, utilizando a estrutura de perguntas e respostas ou uma combinação entre a narrativa em primeira e terceira pessoa.

Para a elaboração de um bom perfil, Vilas-Boas (2014) ensina ser preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. O jornalista tem de se aprofundar nos contextos socioculturais da pessoa; "interagir com ela por diversos locais evitando o simples de frente, observar as linguagens verbais e não verbais da personagem e examinar as reflexões que ela lhe oferece sobre o passado, mas também, e principalmente, sobre a fase atual" (VILAS-BOAS, 2014, p. 22).

Amate (2013) afirma que, no Brasil, as revistas *O Cruzeiro* e *Realidade* se destacaram como representantes do uso de perfis reproduzindo a trajetória da revista americana *The New Yorker* – consagrada como a principal difusora do gênero. O autor conclui que os perfis apresentam condições ideais, na tradição do jornalismo literário, para narrar histórias do ser humano e sua complexidade; os textos trazem perspectivas do mergulho do jornalista diante das histórias de vida dos personagens, prática não permitida pelas normas da imprensa diária (AMATE, 2013).

Assim, os perfis jornalísticos abriram possibilidades para releituras sociais valorizando uma narrativa literária no retrato dos personagens e na reconstituição da realidade do perfilado – o que permite produzir textos que reforçam o diálogo entre cultura, sociedade e política destacando indivíduos ligados à luta por direitos e representatividade das minorias.

Características como profundidade de conteúdo, credibilidade da informação, humanização do relato e recursos narrativos reforçam a proposta de produzir uma revista para registrar a diversidade LGBTQIA+ de Montes Claros. Portanto, no tópico a seguir, é preciso cumprir a pauta e apurar dados, particularidades e características sobre o que constitui essa comunidade montes-clarense.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

1.3 LGBTQIA+: UM APRENDIZADO PELA DIVERSIDADE

A diversidade ainda é um desafio para os processos comunicacionais. A comunicação molda padrões, reforça ou contesta estereótipos e é um elo fundamental para compreender uma visão histórica e mais ampla do assunto. O jornalismo, progressivamente, busca recursos que contribuam para a educação e a sensibilização das diferenças identitárias presentes na sociedade contemporânea (GONÇALVES, 2017). A abertura de discussões sobre a inclusão do tema diversidade LGBTQIA+, em contexto internacional ou brasileiro, é recente, porémtem sido objeto de estudos em pesquisas acadêmicas, o que produz mudanças significativas na elaboração de um espaço mais democrático de direitos.

Esses questionamentos são o ponto de partida para uma reflexão sobre a (re)construção da cidadania LGBTQIA+. A sigla ou a nomenclatura é o termo mais atualizado, atualmente, para designar corretamente a diversidade da comunidade – lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros (transexuais, travestis), *queers*, pessoas intersexo e assexuais; o símbolo "+" engloba a inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. Para Gonçalves (2017, p. 16), tecer histórias de reconhecimento e direito às pessoas LGBT[QIA+], por intermédio do jornalismo, é "reconhecer as injustiças de gênero e a conformação das normas sexuais que sustentam a desigualdade, a inclusão e a exclusão seletiva encontradas em nossa sociedade".

Na atualidade, existem tantas palavras, tantos vocabulários e definições circulando nas mídias que, às vezes, a introdução a alguns conceitos básicos sobre a comunidade LGBTQIA+ se perde na metade do caminho, seja por informações equivocadas, seja pela falta de debates construtivos acerca desse universo. As denominações contidas na sigla estão relacionadas aos quatro espectros que toda pessoa, *queer* ou não, possui: o sexo biológico, o gênero, a identidade de gênero e a expressão de gênero – é fundamental o aprendizado de cada designação para o melhor prosseguimento de qualquer pesquisa nesse campo (GONÇALVES, 2017).

Para Butler (2017), o primeiro espectro, sexo biológico, é algo natural, cromossômico ou hormonal que o ser humano tem ao nascer. Identidade de gênero é a conceituação interna e individual que alguém tem em relação ao seu próprio gênero, nos aspectos masculinos ou femininos, ou de uma combinação entre os dois (REIS, 2018). A orientação sexual refere-se à "capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferentes, do mesmo gênero ou de mais de um gênero" (REIS, 2018, p. 21).

Já a expressão de gênero é como alguém manifesta publicamente sua identidade para o mundo exterior, a forma como se veste, sua aparência e comportamento, independentemente do sexo biológico (BUTLER, 2017). Em síntese, podem-se identificar os seguintes significados: sexo biológico: o órgão sexual designado no nascimento; identidade de gênero: como a pessoa se identifica em seu interior; orientação sexual: quem o indivíduo ama; expressão de gênero: como a pessoa parece e externaliza ao mundo.

Antes de tudo, é necessário ligar os pontos, concretizar as amarras dos espectros citados acima para as determinadas designações, para facilitar a leitura e a compreensão da pesquisa. Lésbicas, gays, bissexuais e assexuais referem-se à orientação sexual; travestis, mulheres trans e homens trans pertencem à identidade de gênero; *queer*s e drag queens estão elencados na expressão de gênero; pessoas intersexo nascem com anatomia física ou sexual (e/ou biológicas) que não cabem nas classificações binárias de sexo feminino ou masculino (REIS, 2018).

A palavra *queer*, tem origem da língua inglesa, significa "estranho" e sempre foi usada como ofensa às pessoas LGBTQIA+, tanto para homossexuais quanto para travestis, transexuais – e todos aqueles que se desviavam do padrão heterocisnormativo. No entanto, o termo foi reapropriado pela comunidade e por estudiosos como símbolo da não conformação a estereótipos de sexo, gênero e orientação sexual. No presente, é empregado em formato de nomeação a todos que não se enquadram na imposição compulsória da heterossexualidade e da cisgeneridade (LOURO, 2016).

Queer surgiu como ato político e virou teoria. Miskolci (2016, p. 21) descreve que a teoria "surgiu como um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas daqueles que, na década de 1960, eram chamados de novos movimentos sociais"; os três principais que ganharam força e visibilidade foram o movimento pelos direitos civis da população negra no Sul dos EUA, o feminista e o homossexual.

De forma geral, os movimentos afirmavam que o "corpo, o desejo e a sexualidade, tópicos antes ignorados, eram alvo e veículo pelo qual expressavam relações de poder" (MISKOLCI, 2016, p. 21). Em termos políticos e teóricos, a problemática da teoria surge como reação e resistência à abjeção. Para Miskolci (2016), *queer* é o corpo abjeto e indesejável - não para os próprios sujeitos, mas sim para a sociedade pautada na heteronormatividade.

No Brasil, os mesmos processos de abjeção e subalternização dos corpos estão presentes. Não há um sinônimo em português para o *queer*, mas há a "sapatão", o "viadinho", o "promíscuo", o "traveco", a "hermafrodita". Segundo Louro (2016), a Teoria Queer é uma política de gênero, um ato institucionalizado e controlado; depende das experiências vividas pelo corpo, que observa os espectros normalizadores e percebe que não se tratam, de forma alguma, de uma essência, mas de uma mediação cultural dos marcadores biológicos. *Queer* é, portanto, um gesto performativo que produz significado, pois materializa as injustiças e as violências em expressão política.

Nessa perspectiva, de acordo com Butler (2017), torna-se fundamental conhecer os conceitos que permeiam o universo *queer*. São eles: a heterossexualidade compulsória que naturaliza, exige e regula o gênero como uma relação binária, dividindo as pessoas entre homem e mulher, macho ou fêmea, estabelecendo, assim, papéis sociais e atributos; a heteronormatividade, que representa situações em que outras orientações sexuais são marginalizadas pelas práticas sociais, pelas políticas e crenças; e, por último, a performatividade de gênero, que se caracteriza pela repetição de atos, gestos e signos do âmbito cultural que reforçam a construção dos corpos.

Para Foucault (2018), a sociedade vive, desde o século XVIII, uma fase de repressão sexual, na qual a sexualidade é objeto de disciplina e normalização. Nesse contexto, cada indivíduo é convocado sistematicamente, por mecanismos repressores, a submeter-se a estruturas horizontais de um poder difuso que se exerce através do controle da sexualidade. A mudança de eixo na luta político-identitária, por vezes, é atribuída às manifestações contra a invasão do bar *Stonewall Inn*, o qual, em 28 de junho de 1969, foi cenário de resistência da comunidade LGBTQIA+ a uma intervenção policial de rotina no local, em uma época em que ser parte dela não era socialmente aceito (COLLING, 2011). A data ficou conhecida como Revolta de Stonewall – levante que deu início aos movimentos de reivindicação e diversidade de gêneros. Atualmente, a data é celebrada internacionalmente como Dia do Orgulho LGBTQIA+.

Dessa forma, para Lima (2017), o direito à diversidade é uma resposta à intolerância, aos preconceitos; sexo, gênero e sexualidade foram interlocutores fundamentais no processo de

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

redemocratização política por legitimidade e por direitos humanos, abrindo espaço para diversos arranjos de existência e alteridade, compreendendo cada indivíduo sob a ótica da igualdade.

2 METODOLOGIA / MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa, o estudo foi executado através de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, desenvolvido mediante pesquisa bibliográfica, entrevistas e coleta de dados. Posteriormente, os dados coletados foram organizados para a elaboração de uma revista. Carvalho *et al*. (2019) afirmam que "a pesquisa qualitativa engloba a subjetividade do estudo, o que possibilita a compreensão e a interpretação minuciosa dos procedimentos de análise que mais se adaptam ao estudo atendendo os objetivos do projeto".

O caráter exploratório do projeto se relaciona com a temática, ao proporcionar o uso de entrevistas com indivíduos que tiveram experiências ligadas aos assuntos pesquisados; essa técnica favorece abordagens flexíveis das histórias de vida dos entrevistados, dado que "ajuda o pesquisador a compreender ou aprimorar o conhecimento sobre um determinado assunto, de modo que, após o seu término, seus resultados possam levar a outras pesquisas com novas abordagens" (CARVALHO *et al*., 2019).

Os autores destacam que a pesquisa descritiva pode ser definida como aquela que aprofunda o conhecimento da realidade, indaga-se nos porquês e nas fontes do fenômeno; tem por objetivo levantar as características de um grupo, observar opiniões, relacionar atitudes de grupos sociais e crenças de uma determinada população (CARVALHO et al., 2019).

A pesquisa bibliográfica tornou-se essencial para a elaboração da pesquisa, pois, a partir dela, foi possível realizar a coleta de dados e de informações buscando os resultados possíveis; essa técnica se configura pelo "levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais através de artigos de revistas, livros, teses e outros documentos, obtendo-se assim um referencial teórico. Como base, obtém-se uma lista com as referências e resumos dos documentos que foram localizados nas bases de dados." (NEVES; JANKOSKI; SCHNAIDER, 2013, p. 2). Em outras palavras, é uma técnica utilizada na produção de trabalhos acadêmicos, cujos procedimentos visam identificar e selecionar documentos que sejam pertinentes para embasar o conteúdo estudado.

As entrevistas foram individuais e em profundidade, as quais, de acordo com Mariano (2018), visam explorar o assunto mediante uma experiência presencial ou semipresencial – via internet – que vão desde a busca de informações até as percepções e experiências dos informantes. A autora destaca que a escolha pelo entrevistado das palavras a serem utilizadas durante as respostas e a possibilidade de ajuste das perguntas pelo entrevistador são as principais qualidades desse método, pois permitem identificar as diferentes maneiras de percepção e descrição de um fenômeno (MARIANO, 2018).

A população deste estudo foi constituída com indivíduos ligados à identidade LGBTQIA+ e dois especialistas, em Montes Claros, que contaram, respectivamente, suas experiências e histórias de vida. Foram entrevistados oito indivíduos, sendo uma homossexual lésbica, um homossexual gay, uma bissexual, um homem trans, uma mulher trans, uma travesti, uma drag queen e uma pessoa intersexo (em Montes Claros não foram encontrados pessoas assexuais); e dois especialistas ligados à área de psicologia, especializados em gênero e sexualidade. A

escolha dos indivíduos foi determinada pelo pesquisador conforme a disponibilidade e o interesse deles em participar da pesquisa.

De modo a alcançar os objetivos propostos, as entrevistas para coleta de dados foram individuais por meio remoto, conforme o parecer do Centro de Pesquisas – Funorte, emitido para atender às determinações provocadas pela pandemia do novo coronavírus. Com a pesquisa em mãos e os dados obtidos mediante coleta bibliográfica, pode-se apurar e organizar as informações sobre o jornalismo literário, a revista, o perfil e sobre a comunidade LGBTQIA+. Essa etapa incluiu a avaliação dos dados por meio da gravação de entrevistas, a produção e a seleção das imagens, sendo usadas para compor o conteúdo da revista.

3 RESULTADOS

O que move a vida é a diversidade. O direito de ser diferente é uma conquista diária. O diverso compõe a experiência humana e está intrinsecamente ligado à ideia de humanidade. A diversidade pode ser entendida como construção histórica, cultural e social das diferenças, sendo usualmente relacionada às noções de variedade, pluralidade de etnias, povos, identidades, subjetividades e representações sociais. A cultura brasileira, apesar de ter construído historicamente mitos favoráveis à diversidade, apresenta-se marcada por sentimentos de intolerância com o diferente, com o outro. Nessa perspectiva, não são incomuns noticiários de agressões e mortes que acontecem com as pessoas mais vulneráveis da estrutura social (GONÇALVES, 2017).

A comunidade LGBTQIA+ é um grupo de indivíduos de caráter civil e social, que reivindica direitos, reconhecimento, cidadania, representatividade e respeito à diversidade sexual e de gênero em todo o mundo. O principal valor defendido pela comunidade é a promoção de pautas como a igualdade, conscientização e inclusão social. Num período assentado por intercâmbios culturais, existem organizações e representantes voltados à causa pelo mundo todo e a diversidade passou a fazer cada vez mais parte do cotidiano (LIMA, 2017).

Em Montes Claros, há diversas propostas de promover a interação e a inclusão das várias formas de manifestação e construção do conceito de indivíduo, além de buscar a representação da pluralidade LGBTQIA+ na academia e na sociedade, de maneira coletiva. Ações que contribuem para a qualidade de vida, o acesso a oportunidades e, em última instância, o direito à vida. À vista disso, é necessário conhecer as histórias de vida dos indivíduos desta pesquisa.

Para a jornalista Ingrid Sá (2020), ser lésbica é um ato de existência e resistência, pois as mulheres enfrentam, constantemente, discriminação e lesbofobia quanto a sua sexualidade. Ela diz que, por fazer parte da comunidade LGBTQIA+, há um caminho maior a ser trilhado – "às vezes, me parece que ser heterossexual é mais fácil, menos burocrático. Falar e promover a diversidade e implantar políticas diversas e amplas seria o caminho ideal para garantir direitos iguais a todos" (entrevista, 2020).

Segundo Sá (2020), a existência do pensamento lésbico trouxe vozes posicionadas e engajadas que renunciam o lugar de invisíveis, já que a criminalização e a invisibilidade da homossexualidade são formas de opressão ainda presentes na atualidade. Santana e Rasera (2018, p. 38) dizem que essas opressões estão relacionadas com a dominação feminina e o machismo e tem "uma clara ligação com determinados estereótipos que atribuem aos indivíduos

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

papéis sociais e atitudes de acordo com seu sexo biológico, priorizando a superioridade masculina".

O grande desafio para a jornalista, além das políticas de diversidade, consiste em fugir do senso comum, pensar na transformação sociocultural e não perder o aspecto questionador de suas ações: elemento de renovação e transformação social, resistência, de romper paradigmas. Para ela, debater sobre o olhar feminino e lésbico, a invisibilidade e os números de violência lesbofóbica é importante para mostrar que essa visão é construída dentro de uma sociedade patriarcal, heteronormativa, racista e sexista. Do outro lado, existe uma comunidade política ativa e organizada, que faz ações diretas pela afirmação da diversidade (SÁ, entrevista, 2020).

De acordo com Felippe Figueiredo Freire (2020), "ser gay é um estilo de vida, comportamento e luta" (entrevista, 2020). Não é uma escolha e é tão natural quanto ser heterossexual. Ele descobriu sua sexualidade naturalmente, como qualquer outro adolescente, porém, por questões de família e amigos, a reprimiu num primeiro momento: "minha maior angústia foi a possibilidade de perder meus amigos pelo fato de ser gay. Quando mudei para Belo Horizonte e comecei a cursar faculdade, conheci outras pessoas, fiz novas amizades e, a partir de então, fiquei mais tranquilo em assumir minha sexualidade" (FREIRE, entrevista, 2020).

Felippe é vice-presidente da Associação Arco-Íris do Amor, projeto social de amparo, assistência social e valorização das pessoas LGBTQIA+, de Montes Claros e do Norte de Minas, através de iniciativas culturais e discussão de temas variados relacionados à comunidade. Segundo Freire (entrevista, 2020), "em Montes Claros existia uma deficiência muito grande em suprir essas demandas e, dessa maneira, a Associação Arco-Íris do Amor se propôs a conduzir o processo através de nossa atuação voluntária".

Para Maria Luísa de Menezes R. Cordeiro (2020), "bissexuais vão aquém e além da própria sexualidade, do órgão sexual. São atraídos pelos dois gêneros, tanto pelo masculino, quanto para o feminino, não necessariamente em simultâneo, da mesma maneira ou na mesma frequência" (entrevista, 2020). Ela sempre soube que não havia distinção de atração sexual entre ambos os sexos. Segundo Cordeiro, por estar numa sociedade heteronormativa, foi necessário esconder sua sexualidade por medo, pois as mulheres bissexuais são hipersexualizadas a todo o momento: "a relação lésbica, para o público masculino heterossexual, sempre foi considerada sinônimo de conteúdo pornográfico, de fetiche. Isso porque o machismo ainda é um dos alicerces da nossa sociedade" (entrevista, 2020).

Maria Luísa diz que, em seu primeiro relacionamento com uma menina, aos 16 anos, demonstrar afeto com sua companheira era uma das justificativas plausíveis para que o público heterossexual as identificasse como "sapatonas nojentas". Já em um relacionamento heterossexual, o bissexual não sofre essa categoria de homofobia: "esse é um dos motivos para pessoas bissexuais esconderem sua sexualidade e preferirem relacionamentos heterossexuais para não sofrerem este preconceito" (CORDEIRO, entrevista, 2020).

Segundo a Associação de Travestis e Transexuais – ANTRA, cerca de 90% sobrevivem de trabalhos informais e marginalizados, o que abre as portas da prostituição (OTONI, 2014). Sob a marca de preconceitos, marginalização e, consequentemente, vulnerabilidade econômica e social, Izis Uva, travesti, permanece marginalizada, sem que se verifique um efetivo combate às dificuldades vivenciadas por ela cotidianamente. "O reconhecimento social é o instrumento divulgador, o qual confere às travestis e às suas subjetividades, a possibilidade de se tornarem seres humanos com direitos iguais efetivados, através do respeito à diversidade e da possibilidade de participação efetiva na ordem pública", afirma Uva (entrevista, 2020).

Ela explica que, sendo travesti e/ou transexual, o indivíduo é excluído socialmente, seja por abandono familiar ou preconceito social. O recorte histórico-cultural do sujeito travesti contempla a constante vivência de uma vulnerabilidade econômica, porém, com "políticas públicas assertivas de determinados direitos e garantias, como a igualdade, a proteção contra a discriminação e transfobia, a defesa da dignidade humana", pode-se ampliar a visibilidade e garantir melhores condições de vida (UVA, entrevista, 2020).

Maria Cecília Martins Pereira (2020), mulher transexual, é encarcerada pela sociedade por sua identidade de gênero e seu reconhecimento social. Conforme explica, "mulher trans é a pessoa que, por se sentir pertencente a outro gênero, pode manifestar o desejo de fazer cirurgias no seu corpo para se identificar com a identidade de gênero feminina" (PEREIRA, entrevista, 2020). Para ela, encarar a sociedade e sair pelas ruas foi um dos maiores desafios durante a transição, porque há visões deturpadas sobre seu corpo e sua história de vida.

O contato com a discriminação e o ódio chegou cedo à vida de Maria Cecília. Assim, ela sugere que políticas públicas de promoção de direitos e combate à discriminação são fundamentais para o acolhimento de pessoas trans. Para Pereira, o fator principal por trás disso é o preconceito, visto que "o Brasil continua no posto de país que mais mata travestis e transexuais no mundo. Ninguém escolhe esta vida de marginalidade" (PEREIRA, entrevista, 2020).

Segundo o psicólogo clínico e analista de comportamento, Filipe Narciso (2020), "ser homem trans é não se identificar com o gênero que lhe foi atribuído ao nascimento e, em simultâneo, ao longo da vida. Uma pessoa que transcende os padrões culturais que a sociedade impõe" (entrevista, 2020). Filipe sempre sentiu haver algo a descobrir e questionava-se sobre os padrões e as relações sociais; "meu maior medo era não ser aceito, por medo de querer ser quem sou", afirma (NARCISO, entrevista, 2020).

Atualmente, Filipe se entende como cidadão único e singular. Sente-se verdadeiro consigo mesmo e com as pessoas do seu convívio social: "foram muitos anos para eu poder me entender como homem trans. Os familiares me acolheram, me ajudaram e ainda continuam me apoiando. Muitos amigos já sabiam dessa minha vontade, e sempre compreenderam minhas escolhas" (NARCISO, entrevista, 2020).

Entre as mais variadas concepções de identidade, gênero e sexualidade estão as drag queens, personas que criam toda uma história para conquistar o público e expressam sua arte através de performances. João Pedro Ruas Prates dá vida à drag queen Ariana Ferraz, ícone artístico e político que tem cada vez mais chamado a atenção da sociedade em Montes Claros. Conforme Prates (entrevista, 2020), "ser drag queen é respirar arte, ser expressão de arte, na qual posso mostrar minha essência, outras personalidades. Posso mostrar o meu talento. É a liberdade de ser quem eu quero ser, mostrar um novo 'eu', transcender novos caminhos".

À proporção que João Pedro adentrou nas noites montes-clarenses percebeu que, por parte da comunidade LGBTQIA+, falta valorização da drag queen regional. Para ele, "há uma invisibilidade. Em Montes Claros, por exemplo, somos totalmente desvalorizadas e as poucas que conseguem sucesso se mudam para as grandes cidades brasileiras em busca de respeito à diversidade" (PRATES, entrevista, 2020). Vale ressaltar que existem contribuições de Butler (2017) quanto às diversas práticas performáticas das drag queens. A autora afirma que as drags têm o potencial de subverter e transformar aquilo que é considerado normal: "quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante [...] com a facilidade de significar tanto um corpo masculino, como feminino" (BUTLER, 2017, p. 24).

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

No tocante à sexualidade humana, o sexo ainda é construído sobre um modelo binário de características biológicas, sociais e legais. Todavia, há indivíduos que fogem desse binarismo e possuem, biologicamente, uma miscelânea entre o sexo feminino e o sexo masculino. É o caso da "letra I", de intersexo, a qual inclui pessoas que, naturalmente, apresentam variações genéticas que não correspondem completamente à classificação típica do corpo feminino ou masculino, devido a sua anatomia reprodutiva ou sexual e/ou um padrão de cromossomos (REIS, 2018).

Para Pietra Antonielle Almeida (2020), mulher trans e intersexo, "não existe somente uma maneira de ser intersexo [...] sou uma pessoa que, sem qualquer intervenção médica, desenvolvi durante a gestação, características sexuais típicas do sexo masculino e do sexo feminino" (entrevista, 2020). Pietra nasceu com uma condição comum às pessoas intersexo, chamada de criptorquidia, quando os testículos ficam parados em algum ponto a caminho da bolsa escrotal e o corpo é incapaz de responder à testosterona, que resulta em anomalia do órgão sexual. As alterações corporais também resultaram em ginecomastia, hipertrofia das glândulas mamárias masculinas, devido à redução da testosterona ou ao aumento dos hormônios femininos (estrogênio).

O incômodo só começou a ser quebrado quando Pietra disse aos pais que era uma mulher trans. Ao obter a confirmação da sua condição biológica aos 19 anos, através de exame sanguíneo, logo se sentiu mais feliz e aliviada: "ajudou muito durante a transição para mulher trans" (ALMEIDA, entrevista, 2020). Nessa época, ela reuniu a documentação necessária para retificação de registro civil e passou a se identificar como Pietra Antonielle.

Worney Brito, psicólogo e professor universitário do curso de Psicologia, das Faculdades de Saúde Ibituruna - Fasi, trabalha com a disciplina de Gênero e Sexualidade e explica que a chave para a solução dos problemas de ordem social e político-identitária é: "o investimento em políticas públicas voltadas para o desenvolvimento educativo, sobretudo da implementação de disciplinas que abordem as questões sobre diversidade, pluralidade, gênero e sexualidade" (entrevista, 2020).

Segundo Brito (2020), a diversidade LGBTQIA+ promove ideias diferentes e é um fator crucial para o esclarecimento de questões relacionadas ao sexo livre de preconceito e tabus. Ele acrescenta que a educação sexual torna-se um processo de extrema importância, pois busca proporcionar conhecimento aos adolescentes para a vida sexual de forma segura (resolvendo dúvidas sobre preservativos, ISTs, gravidez precoce, etc.) e esclarecer questionamentos sobre temas relacionados à sexualidade.

Rafael Baioni do Nascimento (2020), psicólogo e coordenador do (In)Serto – Núcleo pela Diversidade Sexual e de Gênero, projeto ligado à Pró-Reitoria de Extensão da Unimontes, destaca que os estudos sobre gênero e sexualidade no âmbito escolar e acadêmico são fatores determinantes para a redução e a prevenção da violência moral e física contra o cidadão LGBTQIA+, bem como o enfrentamento à homolesbotransfobia.

Para Nascimento, a produção acadêmica sobre a temática de gênero e sexualidade nas políticas públicas educacionais vem enfatizando o currículo e aponta para a construção de uma agenda de políticas voltadas para a diversidade sexual: "quanto mais naturalizamos as diferenças de gênero e orientação sexual-afetiva, menos violência terá e, assim, produziremos uma sociedade mais compreensiva quanto às diferenças" (entrevista, 2020). O (In)Serto realiza cursos, palestras e oficinas com dinâmicas sociais e educativas voltadas ao público universitário, empresas, escolas e entidades diversas do Norte de Minas. Além disso, tornou-se campo de

estudos e militância pela diversidade na cidade e pela valorização do questionamento de qualquer naturalização e normatização das identidades, sejam elas quais forem – conclui Baioni (2020).

A coleta das entrevistas utilizando a humanização proporcionada pelo jornalismo literário incorpora uma importante abordagem focada na diversidade sexual dos indivíduos. Sinteticamente, as respostas dos entrevistados destacam o interesse humano presente na escolha da pauta que aborda o contexto de subalternização sofrido pela comunidade LGBTQIA+ e a valorização das lutas por direitos igualitários. Para realizar as entrevistas, optou-se por questões variadas que foram desde perguntas simples – como "para você, o que significa ser lésbica/gay/bissexual/mulher trans/homem trans/travesti/drag queen/intersexo?" –, até as mais complexas, do tipo "o que você sugere como ações para valorizar a diversidade e promover os direitos humanos LGBTQIA+?".

Cada entrevista considerou o contexto histórico-social dos oito indivíduos e todos destacaram a insatisfação do público heterocisnormativo quanto ao respeito às diferenças que foi crescendo cada vez mais no país. Para os indivíduos, verifica-se, em Montes Claros, um interessante debate sobre a migração sazonal de pessoas LGBTQIA+ que, por medo da sua etnia, religião, sexo, identidade de gênero ou orientação sexual, deixam a cidade natal em busca de uma melhor qualidade de vida.

Para alguns dos indivíduos, ter o corpo dentro de uma determinada norma é uma violência reforçada pelos preconceitos da sociedade. O que mais ouvem no café, no supermercado, nas lojas ou mesmo no trânsito são frases do tipo: "você é muito bonita para ser lésbica", "nada contra ser 'viado', mas não na minha frente", "vira homem/mulher", "não existem bissexuais, existem sem vergonhas", "você não tem vergonha de ser assim?", "você nunca será homem/mulher!". Esses depoimentos reforçam o compromisso social do jornalismo em registrar as histórias dos indivíduos, relevar os preconceitos e os desafios enfrentados e estimular a conscientização crítica do público no sentido de maior compreensão, aceitação e humanização.

3.1 REVISTA DIVERSIDADE+

O resultado do Trabalho de Conclusão de Curso foi a revista Diversidade+, que se fundamenta nas práticas do jornalismo literário para perfilar histórias de vida ligadas à comunidade LGBTQIA+ destacando a trajetória que cada entrevistado constroi em seus discursos num contexto de luta por direitos e cidadania, sobretudo como o jornalismo literário pode dar voz a esses sujeitos.

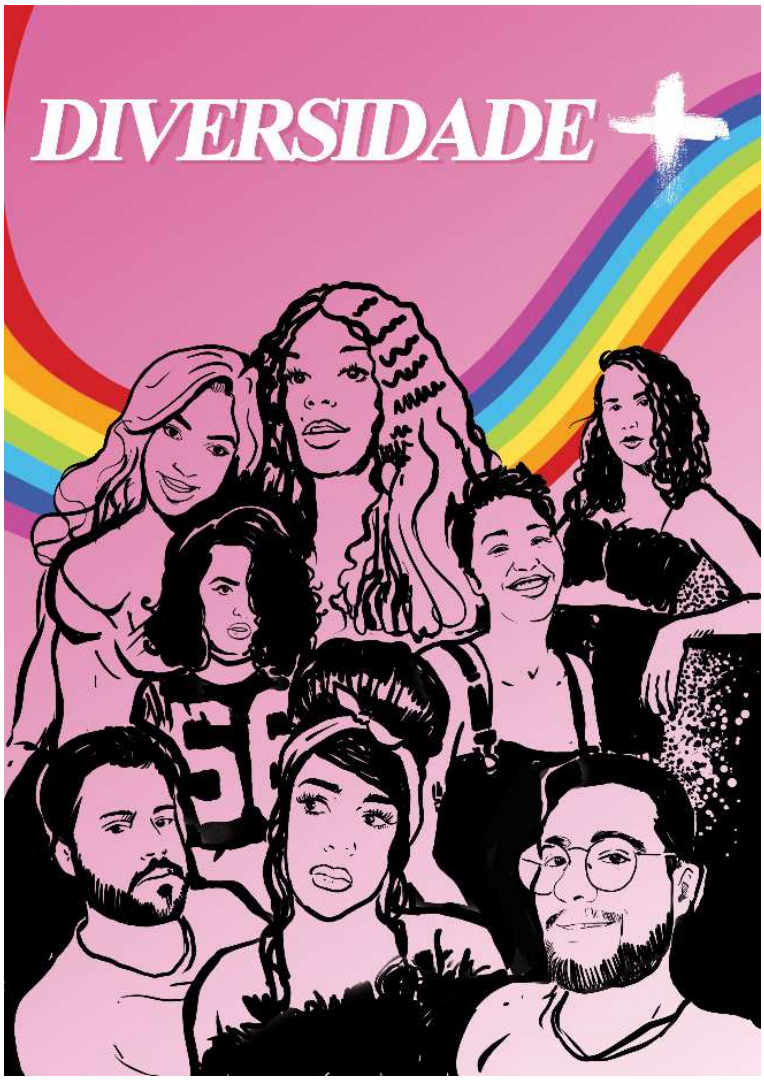
A revista foi impressa com 24 páginas em cores no formato A4 (297x210mm) e, posteriormente, disponibilizada aos entrevistados e à comunidade acadêmica, em formato de arquivo digital, em dezembro de 2020. O *design* e a diagramação gráfica foram executados pelo pesquisador, baseando-se no *layout* de jornais atuais e nas orientações acadêmicas das disciplinas do curso. Na diagramação, buscou-se a qualidade visual com equilíbrio entre fotos, textos e desenhos utilizados nas páginas impressas.

O programa utilizado para a diagramação foi o CorelDRAW X4. O corpo principal do texto das matérias foi 10, com a fonte Times New Roman também para box e legendas.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v.3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Desse modo, em 24 páginas, são apresentados dez textos: o editorial, que faz considerações a respeito da relevância social de se falar sobre diversidade; uma frase do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire, que reflete sobre a importância da inclusão e diversidade, e as considerações sobre jornalismo literário; oito perfis que abordam questões relativas aos direitos LGBTQIA+ de indivíduos que residem em Montes Claros e defendem ideais ligados à resistência, luta constante por respeito e igualdade, representatividade e conquistas no mercado de trabalho, construções histórico-sociais e o direito ao corpo e à vida. Ademais, são apresentadas datas comemorativas que marcam conquistas para a comunidade LGBTQIA+.

Figura 1 – Revista Diversidade+



Fonte: Elaborado por Walisson Oliveira Santos (2020).

Vale ressaltar que o título da revista foi definido como *Diversidade+* por representar e estimular o aprimoramento contínuo, o crescimento do indivíduo em termos pessoais, familiares e sociais; essa prática visa o bem não somente das pessoas elencadas nas designações da sigla, mas a sociedade em geral. Desse modo, a partir das entrevistas cedidas à pesquisa, foi possível

perceber que as ações sociais dos perfilados também viabilizam a reconstrução de espaços democráticos de direitos humanos.

A ilustração da capa da revista *Diversidade+* foi estruturada com as fotos dos entrevistados em desenhos específicos. À vista disso, todos os textos são acompanhados de fotos, visto que a fotografia dá mais credibilidade e causa impacto informativo.

Ao término da revista, destaca-se outra ilustração, que aponta a representatividade e as vivências das pessoas LGBTQIA+ citadas nos perfis; acompanha uma frase de Martin Luther King Jr., ativista político estadunidense que se tornou a figura mais proeminente no movimento dos direitos civis nos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado um país de expressiva diversidade cultural, geográfica e social, o Brasil, em plena era da informação difundida em plataformas digitais e veículos eletrônicos, revela uma realidade cuja abordagem provoca polêmica, preconceitos e reações cada vez mais acirradas: as perspectivas da comunidade LGBTQIA+. Em Montes Claros, como em muitas outras localidades brasileiras, essa população tem uma história de lutas e reivindicações, mas ainda precisa se afirmar nas discussões relativas à introdução do gênero e da sexualidade nas políticas públicas de educação, com especial visibilidade para as demandas em torno da diversidade sexual (LIMA, 2017).

Esta pesquisa discutiu sua representação pelo jornalismo literário, sobretudo na construção social das identidades LGBTQIA+, observando o exercício da cidadania no olhar jornalístico sobre os indivíduos. As entrevistas coletadas no projeto experimental mostram que o jornalismo literário é um instrumento importante para o registro de manifestações comportamentais, culturais e sociais, é uma especialização da narrativa jornalística que não vai ser substituída em tempos de novas tecnologias – os elementos de humanização, pluralidade de identidades, subjetividade e representações diversas continuarão sendo usados por jornalistas.

Vale ressaltar que a pesquisa constituiu-se a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do curso de graduação em Jornalismo do Centro Universitário Funorte, como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Jornalismo do pesquisador, mas adquiriu uma nova perspectiva ao ser apresentado à Recital - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

Partindo da hipótese do jornalismo literário como ferramenta emancipatória e humanizadora dos depoimentos dos indivíduos, verificou-se que as histórias de vidas de cada um podem produzir e revelar diferentes sentidos acerca da subjetividade da comunidade. Em consequência, atuando positivamente na luta anti-LGBTQIA+fobia, aproximando representação e identidade de indivíduos subalternizados e invisibilizados e provocando novas leituras sociais deles.

O desenvolvimento do estudo demonstrou que os perfis jornalísticos literários carregaram marcas e potencialidades que permitem ressignificar estereótipos dos sujeitos LGBTQIA+. A apuração realizada para sistematizar dados preliminares, reunir depoimentos de indivíduos e, nas possibilidades jornalísticas, contar as histórias de vida produziu um artigo e uma revista que, mesmo de forma inicial, podem auxiliar a luta pelos direitos às pessoas LGBTQIA+.

Assim, espera-se, também como resultados, que os registros possam contribuir para os estudos realizados nessa área, pois, conforme ressalta Pena (2009), a pesquisa sobre o jornalismo literário contemporâneo está em infinito processo de (re)construção e evolução.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. A. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 29 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

AMATE, E. T. B. **Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística**. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/6484/1/2013_ElissonTiagoBarrosAmate.pdf. Acesso em: 21/08/20.

AZUBEL, L. L. R. Jornalismo de revista: um olhar complexo. **RuMoRes**, v. 7, n. 13, p. 257-274, 18 jul. 2013. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942. Acesso em: 20/08/20.

BRITO, W. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 29 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 2. ed. Trad. Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CARVALHO, L. O. R. et al. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância**. Petrolina: Univasf, 2019. Disponível em: http://portais.univasf.edu.br/dacc/noticias/livro-univasf/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf. Acesso em: 26/08/20.

COLLING, L. **Stonewall 40 + o que no Brasil?**. Salvador: EDUFBA, 2011.

CORDEIRO, M. L. M. R. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 25 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2018.

FREIRE, F. F. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 02 de outubro de 2020, em Montes Claros (MG).

GONÇALVES, G. O. **Signo da diversidade: narrativa e compreensão jornalística com pessoas LGBT**. 2017. 168 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/t de-07112017-152204/publico/GEANOLIVEIRAGONCALVES.pdf. Acesso em: 18/08/20.

LIMA, A. M. **Política sexual: os direitos humanos LGBT entre o universal e o particular**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

LIMA, E. P. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 23, n. supl., Porto Alegre, out. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4955/495553929008.pdf>. Acesso em: 16/08/20.

LOURO, G. L**. Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARIANO, A. F. C. A entrevista como tema de pesquisa no campo da comunicação. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/10716/1/ARTIGO_EntrevistaTemaPesquisa.pdf. Acesso em: 26/08/20.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NARCISO, F. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 24 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

NASCIMENTO, R. B. do. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 01 de outubro de 2020, em Montes Claros (MG).

NETO, J. E. M. **A terra, o homem e a luta no jornalismo literário: discurso e travestilidade n'os sertões**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23761/1/TerraHomemLuta.pdf. Acesso em: 18/08/20.

NEVES, L. M. B.; JANKOSKI, D. A.; SCHNAIDER, M. J. **Tutorial de pesquisa bibliográfica**. 2013. Disponível em: <https://portal.ufpr.br/pesquisa_bibliogr_bvs_sd.pdf>. Acesso em: 26/08/20.

OTONI, I. O preconceito afasta as pessoas transgêneros da escola, reduz oportunidades de trabalho e abre as portas da prostituição. In: **Revista Fórum Digital Semanal**, São Paulo, Vol. 132, janeiro, 2014.

SANTANA, P. F. de; RASERA, E. F. Heterossexismo e a (in)existência lésbica. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 17, n. 1, p. 34-49, jun. 2018 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v17n1/v17n1a03.pdf>. Acesso em: 29/09/20.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREIRA, A. S.; GUSKIKEN, Y. **A construção da personagem como recurso de humanização no jornalismo literário**. 2017. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/646/955>. Acesso em: 15/08/20.

PEREIRA, M. C. M. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 28 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

PRATES, J. P. R. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 30 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

REIS, T., org. **Manual de comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/Gay Latino, 2018.

SÁ, I. L.N. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 26 de setembro de 2020, em Montes Claros (MG).

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2011.

UVA, I. Entrevista realizada por Walisson Oliveira Santos em 01 de outubro de 2020, em Montes Claros (MG).

VILAS-BOAS, S. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 2006.

VILAS-BOAS, S. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2014.

WEISE, A. **Jornalismo literário: uma análise das reportagens de José Hamilton Ribeiro publicadas na revista Realidade**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

Recebido em: *4 de março 2021*

Aceito em: *17 de setembro 2021*